

Juventude e esfera pública: o culto à imagem e as saídas juvenis contemporâneas

Maria Giovanna Machado Xavier¹

Em continuidade a um primeiro trabalho (A droga do toxicômano no contexto das juventudes contemporâneas), que buscou uma aproximação do um conceito de juventude, cujo contexto de produção é a sociedade da informação, caracterizada pela complexificação e expansão tecnológica, a proposta deste artigo é analisar os processos de formação da subjetividade, pela via da psicanálise, a partir das noções lacanianas de Real, Simbólico e Imaginário, a partir das discussões atuais sobre juventude e esfera pública. As sociedades capitalistas vêm passando por transformações muito grandes e rápidas, na modernidade contemporânea, principalmente nos últimos 20 anos, mostrando a diversidade como marca das identidades que se desenvolvem, em função dos laços de pertença e das significações produzidas pelos recursos midiáticos na era da informação.

Com a finalidade de levantar questões acerca da produção da subjetividade, a partir da psicanálise, é importante que se perceba a importância da linguagem na formação das identidades, que desde Freud é questão central na prática psicanalítica. As significações das identificações devem ser buscadas nos próprios sujeitos, uma vez que a produção cultural, do ponto de vista do produtor pouco tem a revelar, já que os significados das enunciações se põem em relação com o Outro da linguagem, presente na cadeia discursiva dos sujeitos, tornando difícil um controle dos jovens.

Mas a compreensão dessa multiplicidade de sentidos e a avaliação das transformações provocadas pela informatização, nas esferas institucionais estão em curso e podemos lançar mão destas, para também tentar vislumbrar as possibilidades e limites das juventudes, do ponto de vista de sua constituição, pela via das linguagens. Partindo da noção de signo em Lacan (1998) e da noção de representação em Derrida, o pós – estruturalismo pode lançar luz sobre os processos de constituição dos sujeitos. Essa concepção de linguagem vai além da visão estruturalista que marca a concepção do signo saussuriano, presente nas concepções tradicionais de linguagem, que têm a mesma como um sistema de comunicação em que produtor e receptor decodificam os símbolos, cujo significado *já-lá*, fechado no próprio signo, que embora arbitrário, encerra em si mesmo um único significado.

A psicanálise, de Freud a Lacan concebeu a linguagem como simbólica, de forma que os sentidos sociais das enunciações não se põem em relação com o real, mas sim com o material simbólico de que se constitui o sujeito. As significações são produzidas na interação entre os enunciados e a cadeia discursiva do sujeito, representado aqui como o Outro do discurso, composto por todos os discursos lidos pelos sujeitos.

¹ Pedagoga e Mestre em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás- FE/UFG e Doutora pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo- FEUSP. Coordena o Curso de Pedagogia da Faculdade Projeção- Unidade Guará, onde atua também como docente.

Leitura e escritura aqui, não são processos dicotômicos, porque quando um leitor lê um texto (leitura entendida aqui como produção de significado, seja do lido, do ouvido, do visto ou do sentido) ele ressignifica o enunciado, a partir do continuum discursivo que compõe sua cadeia discursiva. Por tanto, as diversas linguagens midiáticas produzem sujeitos que devem dar conta, eles mesmos, daquilo que são. As significações contidas nas enunciações discursivas apenas podem dar conta dos sujeitos que as produziram e não das significações produzidas pelos sujeitos leitores.

Esse simbólico, de que se constitui o sujeito em processo se põe em relação com o real, que em Lacan (1985) não corresponde à realidade material, mas sim a uma realidade psíquica, construída na interação de um aparelho psíquico com outro aparelho psíquico. Essa noção, que já se encontrava lá em Freud, na *Interpretação de Sonhos*, é explicada por Lacan (1998), como um jogo de xadrez, em que o ganhador observa o jogo do outro, apreende suas estratégias e identifica os padrões de suas jogadas, descobrindo seus pensamentos, por isso ganha o jogador mais inteligente, mais perspicaz e mais dissimulado. A realidade psíquica do sujeito é constituída a partir das interações que faz e todos os sujeitos possuem seus padrões de circular entre os papéis sociais sem que se responsabilize, enquanto sujeito, por suas ações. O que age, no sujeito é a função que ele exerce, conforme a imagem acolhida por ele como sendo sua realidade, como sendo ele mesmo.

Sendo assim, a proposta deste trabalho é expor alguns eixos das pesquisas mais recentes sobre a inserção da juventude atual nos recursos midiáticos, partindo das análises já empreendidas sobre as implicações das informações que circulam de maneira intensa, pelas diversas culturas midiáticas, pelas diversas linguagens utilizadas pela comunicação na contemporaneidade. Enfocaremos aqui, alguns estudos que tratam da inserção das juventudes nas esferas públicas na contemporaneidade e sobre as implicações da multiplicidade, quantidade e qualidade das informações recebidas pelos jovens, nas instituições tradicionais de inserção na vida pública: a família, na escola e a política, como arenas de crises pelo choque da desconstrução conceitual desenvolvida pelos recursos midiáticos aos quais os jovens de hoje obtiveram acesso desde a infância, começando pela televisão, filmes, vídeo games, computadores, out doors e outros.

Kriscke (2005) discute a participação dos jovens na esfera pública política, criticando o determinismo da irreversibilidade da globalização, que segundo ele, se põe como uma cristalização do pensamento desenvolvimentista, linear; o investimento de expectativas de mudança, que se põem sobre os jovens, extraída de outro contexto histórico cultural e faz uma análise do desenvolvimento do comportamento dos jovens contemporâneos em relação à inserção política. Martin-Barbero (2008) mostra as relações entre escola, família e cultura midiática, tradicionalmente relacionada à moderna cultura de massa, focando na crise das instituições; Herschmann (2005) discute a espetacularização e visibilidade no contexto das minorias, como estratégia política de inserção social dos excluídos do sistema; Seoane (2006) apresenta um panorama das experiências latino americanas. Realiza uma breve análise das características apresentadas pelos conflitos sociais em nível regional na última década e as novas configurações que significam as práticas e os movimentos sociais que a protagonizam.

Krischke (2005) discute, a partir dos estudos sobre cultura política, a disposição das pessoas em apoiarem o regime democrático, apesar das desilusões acerca dos partidos e governantes e outras condições que podem afetar a adesão à democracia. Inicia seu texto questionando o perceber dos processos de democratização como sendo irreversíveis. Num primeiro momento, o autor examina a adesão (ou não adesão) dos jovens à democracia, por meio dos indicadores e interpretações convencionais, que apontam para o processo de modernização: escolaridade, renda familiar.

Ele constata que dos jovens brasileiros, metade preferem a democracia a qualquer outro regime de governo, há aproximadamente 10 anos. Em seguida, analisa os resultados dos indicadores de repertórios de ações não convencionais: assinatura de manifestos, participação em reuniões de movimentos sociais, participação em manifestações públicas de protestos. Suas perguntas iniciais são quais as razões levamos jovens a essa preferência e quais os conteúdos, definições e atividades práticas que se relacionam com essa preferência. O resultado dos dados sobre cultura política de sua pesquisa, sugere índices elevados de participação política dos jovens, tanto em suas formas de ação convencional como nas não convencionais; o índice de opção formal da juventude pela democracia tem se mantido estável na última década e divide meio a meio o espaço de opções com aqueles que não manifestam compromisso explícito com o regime democrático.

O autor diz que à primeira vista pode parecer inquestionável a influência dos fatores renda, escolaridade, ocupação e urbanização sobre as atitudes políticas. Mas essa influência pode ser diversificada ao combinar-se com opções de vida e condições histórico-culturais que os jovens enfrentam no seu cotidiano. Por isso os testes sobre valores prioritários e suas relações com o associativismo e as alternativas que os jovens buscam, e às vezes realizam, no seu ambiente para avaliar também as diversidades de suas opções políticas e de seus perfis ideológicos. O otimismo dos jovens, que segundo ele pode advir do contexto pós-eleitoral de 2003, que suscitou grandes expectativas em toda a população brasileira, pode chegar a realizar-se, pelo menos em parte. Questiona se esse otimismo juvenil trata-se de um movimento que não se traduz em mudança.

Quando o real não está em consonância com o simbólico e com o imaginário, o que na verdade o caracteriza, na perspectiva da psicanálise, os sujeitos se desiludem, caem para aquém ou além da ilusão, percebendo que todo o seu desejo, colocado sobre o simbólico é impossível. Esse resultado é possível de ocorrer, tendo em vista o símbolo construído em cima da pessoa do presidente Lula, enquanto representante das classes populares. Sendo o desejo, um produto do inconsciente, quer sempre o prazer. Nosso psiquismo tende para o engano, para o ilusório, que ao ser superado, funciona também como um marcador de passagem a uma fase mais madura da vida, percebendo que os valores são dos sujeitos e não dos papéis simbólicos que eles exercem e nem da trajetória de vida construída no processo de visibilidade e espetacularização de que se revestem os objetos da comunicação na contemporaneidade.

Martin-Barbero (2008) evoca um estudo dos jovens, a partir do mundo das gangues urbanas juvenis, do ponto de vista da cultura. A pesquisa citada, segundo o autor, não ignorou a realidade da violência juvenil, da injustiça social, da violência política e da facilidade do

dinheiro oferecido pelo narcotráfico da Colômbia, onde se produziu a pesquisa. Demonstrou que a violência juvenil se insere em um contexto mais amplo e de mais longa duração: o complexo e delicado tecido sociocultural de que são feitas as violências que atravessam a vida quotidiana das pessoas na Colômbia; expõe a complexidade e a densidade cultural dos rituais de violência e morte dos jovens, em sua articulação com os rituais de solidariedade e expressividade estética, que reconstróem o tecido no qual esses jovens vivem e sonham: as memórias dos ancestrais, com afã de lucro, forte religiosidade e conflitos familiares, mas também os imaginários da cidade moderna, com seus ruídos, sons, velocidades e visualidade eletrônica. O termo “descartáveis”, utilizado para designar a juventude, revelou seu sentido de descartar tudo de que a sociedade quer se desvencilar, porque a incomoda ou perturba.

O autor em questão relê os referentes e os significados da condição juvenil, mostrando um des-ordenamento cultural observável em relação ao modelo social de comunicação que foi introduzido pelos meios audiovisuais e pelas novas tecnologias; e da emergência de novas sensibilidades, nas quais se encarnavam de forma precipitada e desconcertante, alguns dos traços mais fortes da mudança de época. O protagonismo dos jovens se evidenciava como uma estratégia ante a tendência de pesquisa social na Colômbia, que identificava cada vez mais os jovens com a delinquência, com o desvio e criminalizando a figura da juventude.

Esclarece que as formas de se pesquisar a juventude mudou e que os sinais dessa mudança encontra-se na relativização do peso da questão cultural na análise da condição juvenil. Essa relativização se faz de maneira paradoxal: o de estarmos diante de uma juventude que possui mais oportunidade de alcançar a educação e a informação, mas que tem menos acesso ao emprego e que se desenvolve na precariedade e na desmobilização; e, por fim, uma juventude mais objeto de políticas do que ator de mudanças. Essas tensões fizeram com que a pesquisa mudasse seu centro para a informalidade estrutural, de vidas e comportamentos marcados pela instabilidade profissional e por um consumo cultural de música, cinema, vestuário e entretenimento em geral – realizados pelas vias ilegais e o uso da pirataria, como uma prática subjetiva coletivamente legitimada dos desprovidos para se conectarem aos bens de consumo, como estratégia para viver no mundo e de certa forma inserir-se em atividades ocupacionais.

O autor cita uma segunda pesquisa sobre jovens, que adotava como fundamental a aplicação dos três modos de regulação da conduta, na realidade social: os reguladores primários, que são morais e rituais, atuando como força centrípeta na união de um grupo, mas que são muito lentos na modificação de condutas, pois eram no passado; os secundários, que são modais e mimético-exemplares, que agem como força centrífuga, comunicando grupos entre si e com resultados mais rápidos, porque se realizam no presente; e os terciários, que são numéricos e experimentais, cuja função é conectar as ocupações laborais com a eficiência da estrutura produtiva e que são mais velozes na modificação de condutas, já que se efetuam no futuro.

Com essa classificação, o pesquisador apresenta a hipótese de que se as condutas ocupacionais se modificam, alterando a estrutura dos interesses e portanto mudarão por completo as relações entre os grupos sociais. As perguntas da pesquisa de Martin Barbero (2008) eram como averiguar qual é o grupo que defende melhor seus interesses e como se

informar sobre esse grupo. Concluiu-se que são os reguladores secundários os que melhor fornecem a informação necessária para articular os instáveis interesses de hoje em dia. Assim, televisão, publicidade, moda, música e espetáculos, não a razão técnico-científica nem a moral tradicional.

A cultura audiovisual torna-se então, a única capaz de instruir a maioria sobre os efeitos que a mudança social gera nas condições de vida das pessoas. No caso particular dos jovens, o regulador terciário, na figura do ensino médio e universitário, que poderia ser determinante, resulta claramente incapaz de inculcar a mentalidade científica e assim, seus diplomas valem cada vez menos no mercado do emprego. Se a academia e a escola não servem para os jovens se informarem sobre seu futuro profissional, eles acabam ressignificando tal regulador, transformando-o em secundário; ou seja, através delas os jovens poderão se informar sobre os grupos relevantes de referência que, por seus êxitos devem ser imitados. O mundo do ensino/aprendizagem passa a ser internamente conectado ao mundo audiovisual e da tecnologia, no que tem de coesivo juvenil e de divisor social, que não só reproduz, como agrava as diferenças abismais entre os diversos modos sociais de relação com a tecnologia e com sua proclamada interatividade.

Martin Barbero (2008) mostra, através da segunda pesquisa mexicana sobre juventude, que o acesso aos meios tecnológicos é hoje, menos desigual do que a posse do equipamento. A lacuna continua sendo enorme entre aqueles para os quais a tecnologia digital faz parte do ambiente familiar e cotidiano e para aqueles que só podem acessá-la ocasionalmente; isso se traduz, segundo Bourdieu (1983), na marca de classe que a Posse deixa sobre o modo de relação com os dispositivos e recursos. As marcas e sinais audiovisuais como, como as marcas e sinais acadêmicos que traçam as instituições de ensino, não só determinam o posto de cada jovem, na estrutura social, como contribuem para perenizar a desigual estrutura social. Mas há diferença entre esses dois tipos de reguladores: enquanto o campo do ensino não consegue seguir o ritmo das mudanças na estrutura produtiva e ocupacional, obstruindo assim a mobilidade social, as marcas do mundo da comunicação audiovisual, muito mais próximo da evolução produtiva e ocupacional, permitem uma mobilidade social muito maior.

A pesquisa revela um traço sintomático do comportamento da juventude: o papel da música como organizador do tempo, o modo de dar forma ao amorfo tempo do ócio/sem trabalho, desdobrando-o ritmicamente para erradicar sua chateação intrínseca. A música é uma organização abstrata do tempo, é a tecnologia que permite fazer desenhos abstratos de temporalidade experimental. A música seria então, a interface que permite ao jovem se conectar e conectar entre si, referentes culturais e domínios de práticas e saberes que para os adultos resultam tão heterogêneos e impossíveis de juntar. Então pode-se dizer que o real é o que pontua o sujeito quanto às possibilidades de realização do desejo. Os símbolos tradicionais perdem a força na medida em que não operam a realização do desejo.

Martin-Barbero (2008) cita também uma pesquisa sobre a televisão e as crianças. O estudo confirma essa ideia da psicanálise lacaniana, que mostra o lugar do sujeito, às margens das funções sociais que exercem, questionando as autoridades, porque estas também se mostram puramente simbólicas. Diz que o tema da televisão e das crianças é prisioneiro do

mais duro behaviorismo, que identifica os efeitos pontuais e antissociais. Segundo ele, compreender a relação entre as crianças e a televisão requer, em primeiro lugar, colocar em retrospectiva a emergência da criança como ator social.

Uma retrospectiva histórica, realizada pelo autor mostra que mesmo depois da Idade Média, as crianças viviam entretidas com os adultos no trabalho, na taberna e até nas camas. A infância só emerge como um mundo à parte, no século XVII. O novo método de aprendizagem através dos livros substitui a aprendizagem por meio das práticas. É essa condição de mundo à parte que a televisão vai afetar, pondo fim a uma separação social que protegeu as crianças das classes média e alta durante os dois últimos séculos. Essa proteção se fez pelo símbolo da autoridade patriarcal, que gera a dominação. No real, essa proteção nem sempre se realizou.

A televisão introduz uma profunda des-ordem cultural na família e na escola. Na família, porque enquanto o texto escrito criou espaços de comunicação exclusiva entre os mais velhos, instaurando uma marcada segregação entre adultos e crianças, a televisão cria um curto-circuito nos filtros da autoridade dos pais, transformando os modos de circulação da informação no lar. Por não depender de um complexo código de acesso, como o livro, a televisão oferece às crianças simplesmente através do olhar, o mundo anteriormente velado dos adultos. Porém, ao dar mais importância aos conteúdos do que às estruturas das relações, continuamos sem compreender o verdadeiro papel que a televisão está desempenhando na reconfiguração do lar. Os que vislumbram essa perspectiva falam da falta de comunicação que padece a instituição familiar, como se antes da televisão a família fosse um retiro de compreensão e diálogo. Os conteúdos da televisão poderiam ser mais simbólicos, assim como os contos infantis. Porém o vivido, somado aos conteúdos veiculados pela televisão entram em conformidade com o simbólico, produzindo um processo de desilusão desde a infância, algumas vezes, colocando no campo do desejo e da ação da criança, a possibilidade da resistência à dominação, fazendo com que a criança alcance mais maturidade, independentemente de sua faixa etária.

Nem os pais e nem os psicólogos conseguem explicar por que a criança continua gostando de livros infantis, mas na televisão preferem muito mais os programas para adultos. Enquanto o livro disfarça seu controle, tanto do que sobre ele se exerce como o que através dele se realiza, com um estatuto de complexidade de temas e vocabulário, o controle da televisão não admite disfarces, tornando explícita a censura. Desvela os mecanismos que sustentam a autoridade familiar. Trata-se realmente de um desvendamento, pela via do simbólico, sobre a verdade dos sujeitos, que circulam pelos papéis sociais sem que na verdade tenham parte com eles.

Um des-ordenamento de outro tipo, causado pelas tecnologias digitais, devido ao uso que os adolescentes fazem da Internet. A pesquisa apresentada sobre este tema por Martin Barbero (2008) investigou os lugares de acesso: a casa, a escola e o cybercafé. O lugar onde o computador se torna mais interativo, inventivo e explorador é o cybercafé, onde os adolescentes navegam em grupo, seja aleatoriamente, seja para realizar trabalhos escolares. A escola é o lugar onde o uso do computador é mais passivo, é na escola onde só podem usá-lo para realizar atividades didáticas e onde a interação não autorizada é penalizada. A

escola não ensina a jogar/ desfrutar do computador, mas somente a realização de tarefas estabelecidas. O uso do computador em casa fica a meio caminho entre a o controle exercido pela escola e a liberdade dos cybercafé. O uso do caseiro do computador permite a participação em chats e blogs e muita navegação em mar aberto. O autor aborda o tema das tecnicidades e subjetividades nas transformações da subjetividade. Aponta para a tecnologia, hoje, como uma das metáforas mais potentes para compreender o tecido de construção da subjetividade.

Para Lacan (1998), a constituição do sujeito se dá na e pela linguagem. Poderíamos dizer linguagens de subjetivação do real, atualizando suas experiências sociais. O sujeito moderno do conhecimento ficou definido como um espaço de relações claras e distintas, mas sem conexão com o real. Trata-se da postulação de um eu independente ou separado da espessura aderente do corporal de suas paixões ou sentimentos. O eu cartesiano, para Lacan (1998) está lá onde não penso, logo existo. O lugar onde o sujeito da psicanálise se mostra e se esconde é na linguagem.

Qualquer abordagem das subjetividades necessariamente deverá passar pela escuta flutuante, que busca as significações inconscientes do discurso na lacuna, na falta, na falha, no lapso. É lá onde se constitui como um efeito da linguagem, que o sujeito pode dar conta da sua verdade, uma vez que a linguagem produz sentido, na sua relação simbólica com o real e o imaginário. A escola, assim como os professores, concebem os sujeitos como sujeitos do aprender, não percebem o quanto estão distantes do sujeito real, que se encontra à margem das concepções científicas sobre ele. A escola lida com alunos simbólicos, que aprendem conscientemente o que lhes é proposto de fora para dentro: uma proclamação cartesiana que leva professor e aluno a se encontrarem enquanto funções: o discurso do senhor e o escravo, é a metáfora que representa a relação de dominação existente entre professor e aluno, uma vez que não há encontro de sujeito com sujeito.

Para que a escola cumpra sua função hoje, na era da tecnologia, impõe-se que os sujeitos se encontrem, numa relação mediada pelas linguagens tecnológicas, para que haja troca, na produção de novas subjetividades para ambos. A fixação na imagem, aprendida pelas crianças e pelos jovens deriva mais das relações funcionais entre os sujeitos do que pela tecnologia. O sujeito cartesiano é fixo, sua imagem é estática, perfeita, porém completamente distante do real vivido. E é isso que provoca a crise da família e da escola, que não sabe lidar com o diferente, com o inusitado, com o incontrolável da existência humana, tirando toda possibilidade de participação destas instituições no processo subjetivação do real, por parte dos sujeitos. Tudo o que não é passível de controle torna a imagem da inteireza do sujeito frágil. O todo não faz sentido, a não ser na morte, quando a possibilidade de completude do sujeito se realiza.

Os sujeitos com os quais vivemos, especialmente entre as novas gerações, percebem e assumem a relação social como uma experiência que passa fortemente pela sensibilidade, que é em muitos sentidos sua corporeidade. Os jovens falam hoje através de outras linguagens, os rituais de vestir-se, tatuar-se, adornar-se e também do emagrecer para se adequar aos modelos de corpo que lhes propõe a sociedade, pela moda e a publicidade. Os transtornos orgânicos e psíquicos, como a anorexia e a bulimia estão envolvidos no

paradoxo de que a mesma sociedade que exige, cada vez mais, que eles tomem conta deles mesmos, não lhes oferece a mínima clareza sobre seu futuro profissional no mercado de trabalho.

Os processos de socialização não deixam espaço para a emergência do sujeito, a não ser por um movimento de jovens que transitam entre o repúdio à sociedade e o refúgio na fusão tribal, na busca pela individuação. Milhões de jovens ao redor do mundo se juntam, sem falar, só para compartilhar a música juntos, através da comunicação corporal que ela gera. O *ecstasy*, se converteu no símbolo e metáfora de uma situação extática, do estar “fora de si”, do estar fora do eu, que a sociedade lhes designa e que os jovens se negam a assumir. Não porque sejam uns desviantes sociais, mas porque sentem que a sociedade não tem o direito de lhes pedir uma estabilidade que hoje, nenhuma das grandes instituições lhes confere. Por isso a política, a escola e a família passam pela mais longa crise de identidade.

Enquanto o sujeito emerge hoje, em um ambiente fortemente imaginário e simbólico, a casa e a escola ainda se prendem a uma racionalidade que, em nome do princípio da realidade, expulsa o sujeito, não tanto pelo princípio do prazer, mas por sua sensibilidade ao real. É assim que jovens vivem, no recurso à adesão aos grupos, pares, bandos, turmas, guetos, seitas e drogas. É desse lugar que nos olham e ouvem tais sujeitos, mediados por suas interações pela e com a tecnologia.

Martin Barbero (2008) diz que o vício produzido pelas mediações tecnológicas, propagada pelos apocalípticos, a tendência ao ensimesmamento, que os torna agorafóbicos, não passa de ilusão cartesiana. Seguindo a perspectiva psicanalítica, entendemos esse recurso à ilusão, por parte dos adultos, como uma manifestação do desejo de poder, que quer se realizar como gozo. O gozo do controle, da sensação de inteireza. A presença do adulto, tão importante na dialética entre a socialização e a individuação dos jovens e das crianças, deixa as marcas do vazio, do buraco, do furo, que pode remetê-los ao impossível. O gozo cíclico, que não leva a nada, mas livra da angústia do desejo. Isso sim, pode levar à agorafobia imposta pelas mais variadas formas de gozo, especialmente na modalidade de gozo proporcionada pela droga.

A análise de Herschman (2005) leva em conta o fenômeno do espetáculo e afirma que são necessárias análises e investigações sistemáticas sobre esse fenômeno e de suas implicações no mundo contemporâneo. Diz que as perspectivas existentes abordam o espetáculo como um sinal negativo do investimento excessivo na imagem, intensa movimentação e consumo por parte dos atores em torno das performances, sinal do hedonismo que caracteriza a sociedade atual, indício do esvaziamento da esfera pública, do interesse dos indivíduos pelo coletivo.

Conforme o que vem sendo dito neste trabalho, o valor dado à imagem pelo jovem foi historicamente construído no bojo do cartesianismo, com seus conceitos politicamente corretos que não encontram guarida na realidade. Os jovens aprenderam muito na família e na escola, mas não aquilo que foi cuidadosamente arquitetado, mas outros valores, que hoje se tornam possíveis, do ponto de vista prático: uma imagem externa que permite o “se virar”, colocando em evidência aquilo que foi aprendido às margens das instituições tradicionais.

Herschman (2005) diz que a espetacularização pode servir à normatização social ou à construção de uma perspectiva ou de ações críticas que coloque em pauta, por exemplo, reivindicações de diferentes grupos sociais ou mesmo da multidão. Propõe que, tendo como pano de fundo a saturação da arena política tradicional, o espetáculo contemporâneo indica o surgimento de uma nova arena, a midiática e a importância da cultura como mobilização dos atores políticos. A hipótese sobre a qual se põe a proposta do autor é a de que a espetacularização e a visibilidade, construídos no ambiente da comunicação são estratégias para que discursos e ações políticas alcancem êxito.

A questão que se impõe aqui é a do sentido de tais discursos e ações. Se é verdade que os jovens contemporâneos vivem num mundo de informações fragmentadas e carecem de sentido, devemos perguntar-nos em que sentido caminham esses discursos e ações. Herschman (2005) diz que as narrativas performáticas dos atores sociais, exibidas na nova arena política, abastecem de sentidos e significados as trajetórias dos jovens, que se identificam com os referenciais que deram certo. O autor do texto desconstrói o espetáculo e a alta visibilidade, argumentando que o espetáculo tanto pode estar a serviço do “bipoder” globalizado imperial, promovendo experiências de fruição e escapismo, mas também pode ser agenciado pelas minorias e usado como estratégia para se alcançar mobilização social e realizar resistências, agendando e mobilizando os públicos em torno de questões lançadas na cena midiática. Mostra o perigo da multiplicidade e intensidade das informações e símbolos, lembrando que os grupos dominantes continuarão tendo mais espaço e voz (poder) nesta arena que outros e que a repetição e alcance de seus enunciados repercutem mais efetivamente no imaginário social.

A partir do princípio de que o sujeito se constitui na e pela linguagem, a realidade da mídia hoje vem operando esta transformação dos sujeitos e das sociedades. Resta saber em que sentido. É verdade que a família e a escola, assim como outras instituições precisam mudar, para que essa desconstrução dos sentidos possa ser realizada, mas mudar para onde? Não basta apenas inserir a cultura midiática nos ambientes institucionais. Há que se respeitar as funções de cada uma das arenas políticas. A sala da casa, assim como a sala de aula, diante da invasão da informação precisam ser redimensionadas, do ponto de vista dos relacionamentos, tendo em vista que como toda ação politicamente intencional, como a educação, seja ela na casa ou na escola precisa objetivar suas ações em função de um contexto sócio-cultural e se põe também como arena de negociações que envolvem poder. É na dimensão do poder e da dominação que estas instituições precisam ser revistas, uma vez que é esta a dimensão das instituições que os jovens criticam e que os empurram para o escapismo que não é a única função das linguagens midiáticas, mas que tornam possível a dimensão do gozo pela via do simbólico, assim como a leitura/ escrita.

À educação parece que resta algum encaminhamento no sentido de tratar criticamente os conteúdos veiculados pela mídia em geral, trazendo a prática da navegação, os filmes, os jogos, a televisão, o rádio e os demais recursos à informação para serem tratados criticamente, no âmbito institucional, sem desejo de manipulação, possibilidade que implicaria, certamente, no investimento na formação dos professores e na sua valorização, para que os mesmos pudessem num futuro próximo, assim como os pais, voltar a ser um dos referenciais relacionais dos jovens. Esse relacionamento passaria pelo relacionamento do

adulto com o próprio jovem, com a mediação dos recursos midiáticos, como possibilidade de ressignificação dos conteúdos dos discursos midiáticos.

Esse recurso à mudança nunca esteve longe das instituições, porém elas ainda não empreenderam nada que fosse além de movimentos que não levam à resolução da crise, que passa também pela ressignificação dos conceitos de infância, adolescência, vida adulta e velhice. As crianças e adolescentes, que nos discursos dos adultos, devem ser protegidas, nos vêm como babás babas eletrônicas que repetem interditos que não são cumpridos por eles mesmos. A questão que se põe aqui, sobre a crise das instituições, principalmente as educacionais tradicionais é séria e precisa ser resolvida.

Seoane (2002) apresenta uma visão sobre os movimentos anti-neoliberalismo, que pressupõe não uma capacidade crítica, por parte dos sujeitos, no contexto da sociedade da informação, mas antes, uma capacidade de identificação com os discursos veiculados pela mídia. O fato de existirem movimentos de contracultura na atualidade implica na possibilidade dos sujeitos resistirem à destituição da consciência, esperada por algumas correntes que analisam o fenômeno da comunicação na atualidade.

O autor discute a implantação do modelo neoliberal na América Latina, a partir de uma observação mundial e também local. Aponta a recuperação do crescimento econômico a nível regional, para afirmar que esta repousa fundamentalmente na exploração intensiva dos recursos naturais, orientada para a exportação, em grande medida sob o controle do capital estrangeiro. Diz que diante disso, novos conflitos e confluências sociopolíticas se desenvolveram no continente e que estas experiências marcam o novo ciclo de protestos sociais aberto na segunda metade da década de noventa. Estas experiências levam a um vislumbre das principais características que distinguem a configuração atual da ação e organização coletiva dos movimentos sociais contemporâneos. Estes movimentos se dão sobre a defesa do caráter de bem comum dos recursos naturais tem se expressado na confrontação social contra as devastadoras consequências para o meio ambiente, os modelos de apropriação privada dos recursos e dos benefícios derivados de sua exploração. A articulação destes processos tem significado, no terreno dos movimentos sociais, a vinculação dos ciclos de resistências com a construção de alternativas de resistência e a postulação de direitos sociais.

Seoane (2002) descreve as riquezas do território, mostrando a importância dos recursos naturais e da reserva de biodiversidade, como objetos de poder. Um sem número de movimentos sociais, coordenações, conflitos e resistências vão se espalhando nos últimos anos, em toda a região, construindo alternativas e promovendo novos horizontes emancipatórios. O autor tenta apresentar um panorama destas experiências latino americanas, analisa as características apresentadas pelos conflitos sociais a nível regional na última década e as novas configurações que significam as práticas e os movimentos sociais que a protagonizam.

Afirma que a dinâmica de ocupação, disputa e defesa do território aparece de maneira explícita nas formas de ação coletiva e de lutas empreendidas pelos movimentos coletivos e sociais abordados, forjando uma ilegalidade democrática. Assim, diz que a política anti-neoliberal parecia encaminhar-se para uma ação de reprodução e produção de sociedade

mais além da produção ampliada e deslocada dos capitais internacionais. A confrontação com o modelo neoliberal, baseado na expansão espacial e social da racionalidade econômica das leis do mercado exaspera o tradicional caráter predatório e destruidor da natureza e das condições de vida do capitalismo tem significado a corporificação de uma racionalidade ambiental internalizada (e criada) por novos atores sociais, expressando-se como uma demanda política que guia novos princípios para a valorização do ambiente e para a reapropriação da natureza.

Mas mostra que, por outro lado ainda, a defesa do caráter de bem comum dos recursos naturais tem sido um elemento importante da articulação político- nacional dos movimentos populares e da polarização sócio- política; assim como a apropriação pública dos benefícios resultado da sua exploração pode ter um papel significativo no caminho de ruptura do modelo neoliberal. Ele certamente não ocultará para sempre a tensão latente entre as demandas ligadas às consequências ambientais e aquelas surgidas do questionamento da apropriação privada dos bens comuns naturais, com a criação de um neodesenvolvimentismo produtivista. Na relação com ele é necessário assinalar também que a dinâmica dos conflitos em defesa dos bens comuns se vê confrontada com outras ações coletivas orientadas para a defesa dos empreendimentos questionados e protagonizadas pelos trabalhadores ocupados pelos mesmos estímulos, muitas vezes pelas próprias corporações empresariais ou pela expectativa do prometido benefício do emprego e o desenvolvimento regional.

Um fio condutor recorre ao programa destes conflitos: a defesa do caráter público comunitário destes bens e a desmercantilização dos mesmos; programa que se refere, inicialmente, ao seu uso social se alarga também aos terrenos da gestão e da propriedade. Finalmente, em razão da raiz internacional das corporações empresariais e as estratégias e processos orientados à mercantilização dos bens comuns, as experiências forjadas a nível local ou nacional pelos próprios movimentos sociais têm tendido a construir rapidamente vínculos além do espaço nacional constituindo recorde, em muitos casos, em parte importante das campanhas contra o livre comércio e a militarização social que a acompanham assim como as novas formas de comércio e a militarização.

Seoane (2002) diz que estas experiências de resistência postulam horizontes emancipatórios e alternativas com suas complexidades, tensões e desafios enfrentados na dinâmica e características que assumem o livre comércio e os processos de militarização, assim como as novas formas que adota a governabilidade neoliberal. E que é nessa contraposição se entretecem os desafios presentes e futuros para a América Latina.

Tendo em vista as pesquisas recentes sobre juventude e esfera pública, aqui apresentadas, a questão das juventudes pode-se refletir sobre a constituição dos sujeitos na sociedade contemporânea. A sociedade tem que lidar, cada vez mais, com as psicopatologias da juventude, relacionadas sempre às expectativas de unidade e de totalidade, que são colocadas sobre eles. A pressão dos papéis sociais e a necessidade de intensa circulação na esfera pública, através das mais variadas culturas faz com que o sujeito abrigue um sentimento de desagregação, de rupturas densas e momentâneas tão constantes que não

permitem que o sujeito por trás das várias imagens, que compõem seu imaginário e que ele tenta organizar num todo orgânico que ele possa chamar de eu.

Os sujeitos reais com os quais as crianças e os jovens se relacionam, estão presos às imagens ficcionais confeccionadas por eles, no afã de que as novas gerações tenham posições mais politicamente corretas, através dos programas educacionais que são traçados pelos adultos, seja na casa, na escola, na igreja ou no trabalho. Os ideais cultuados pelos adultos não permitem que o discurso seja equivalente às práticas adultas, cujas falhas nunca são admitidas perante as novas gerações, não ficam aquém de suas percepções, uma vez que aprenderam a circular nas margens, nas fraturas entre o real, simbólico e imaginário. A realidade concreta que se impõe é que as instituições tradicionais repensem, suas finalidades e objetivos, seus processos e avaliações, a partir de uma reconfiguração que nesta perspectiva, está sendo desenvolvida, como pressão da crise que vem experimentando.

Que a família e a escola passem a interagir com um sujeito real e que os sujeitos que compõem esses grupos possam encontrar uma forma de viver em com as diferenças e com a falta constitutiva dos sujeitos, para que o sentido não precise ser buscado nas posições radicais que desde sempre conduziram as guerras, que se fazem em nome de Deus, quotidianamente, ao longo da história da humanidade. Mas neste sentido, esta geração é privilegiada pela infomação, que se bem integrada, de forma consciente, depois da desconstrução da tradição, poderá encontrar saídas positivas. Os jovens têm conseguido encontrar saídas para a dissolução das ilusões de inteireza, em todos os níveis da esfera pública, ainda que circulando entre o lícito e o ilícito, entre a ordem e a desordem, buscam o sentido para si mesmos através do culto às imagens e não uma única imagem, como na trajetória biográfica moderna, mas com a sobreposição de várias imagens, que deixam a mostra as fraturas do mosaico de máscaras que podem servir aos propósitos construídos na realidade psíquica dos sujeitos, seja de para a vida ou para a morte, para a dominação ou para a libertação.

Referências

BOURDIEU, Pierre. A juventude é apenas uma palavra. In: *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco zero, 1983.

KRISHCKE, Paulo. Perfil da juventude brasileira: questões sobre cultura política e participação democrática. In: ABRAMO H. e BRANCO, Pedro Paulo M. (Org.) *Retratos da Juventude Brasileira*. São Paulo: Instituto de Cidadania. Fundação Perseu Abramo. 2005.

LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. *Mais ainda*. 2ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

_____. *A relação de objeto*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar 1995.

_____. *Os complexos familiares*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. Campo Freudiano no Brasil.

MARTIN-BARBERO, J. A mudança na percepção da juventude socabilidades, tecnicidades e subjetividades entre os jovens. In: BORELI, S. E 8. FREIRE FILHO, João (Orgs.) Culturas juvenis no século XXI. São Paulo: Educ,, 2008.

HERSCHMANN, Micael. Espetacularização e alta visibilidade: a politização da cultura hip-hop no Brasil contemporâneo. In: FREIRE FILHO, João e HERSCHAMANN, M. Comunicação, Cultura e consumo. Rio de Janeiro: e-papers, serviços editoriais, 2005.

SEOANE, José. Movimientos sociales y recursos naturales en América Latina: resistencias al neoliberalismo, configuración de alternativas. *Soc. estado*. [online]. 2006, vol.21, n.1, pp. 85-107. ISSN 0102-6992. doi: 10.1590/S0102-69922006000100006.